rabiscologia

EPIDEMIA

PARTE 2

Alguém havia dito que Jorge estava em casa. Que fazia uma semana não ia trabalhar, não respondia mensagem. Pensei que era mesmo bem típico dele: tanto pavor por causa de uma dor no joelho ou sei lá quem ele podia ter esbarrado naquelas últimas semanas.

Quão rápido a gente se acostuma às coisas? As pessoas todas muito sérias e distantes, com medo de se encostar, de se cumprimentar com um abraço.

Na internet o relato de um turista mencionando o que havia escutado foi espalhado nas redes. Ninguém acreditava naquela fábula de nativo — e também o turista não havia sentido nada diferente,

nem mesmo quando seu amigo tropeçou na trilha e torceu o pé, e ele o ajudou pelo resto do caminho.

Porque a gente sabe de nós mesmos — e tem vezes que nem mesmo as palavras. Jorge me recebeu de longe, com um passo atrás depois de abrir a porta. Voltou ao sofá e encolheu-se com a atenção na televisão, agarrado ao controle remoto. Mudava de canal sem tempo para entender a programação de nenhum deles.

— Me disseram que você está doente.

— Isso não é normal, Anita.

— Uma dor no joelho? Já passou.

— Dor no joelho, dor de cabeça, cansaço nas pernas depois de um dia na trilha, artrose nos dedos das mãos. Essas gripes que os turistas pegam quando não se agasalham no ar condicionado do ônibus. Você viu o posto de saúde?

As crianças — que dizer? Era menos a gritaria desenfreada. Às vezes davam de chorar de repente, no meio da brincadeira, quando um coleguinha pisava descalço numa pedra. Assim de longe; sem nem encostar. Como os que choram quando percebem o susto dos pais, depois de uma queda mais ou menos feia. Aprendem assim — pela reação do outro — como reagir à dor.

E o desespero é um tipo de dor?

Estendi a mão a Jorge, mas ele não se moveu.

— Meu joelho melhorou.

— O joelho, sim.

— Você não pode ficar escondido dentro de casa pra sempre.

— As pessoas reclamam demais, não é isso que a gente dizia? Mas é que reclamam de menos, na verdade. Ficam acostumadas, reclamam por hábito. Nem sabem por que reclamam. Viver é que dói.

— Significa que estamos vivos; não era também isso que a gente dizia?

— É o que dizia minha avó, antes de morrer.

Dizer que: você tem razão, Jorge. Isso não faz sentido. Que lei da física ou desvario da razão explicava um absurdo desses? A vida seguia na cidade, no estado, no país. Como se não estivéssemos numa epidemia empática. E as pessoas ficavam ainda mais desconfiadas, ainda mais temerosas. Que tenho eu com a dor alheia? A gente finge que não é conosco e segue adiante.

Viver dói.

Os médicos — diziam — não sabiam usar o dom que haviam ganhado. Ou porque as pessoas faziam filas no posto de saúde sem ter dor nenhuma, doença nenhuma. Só um reflexo da dor do outro. Talvez fosse o ceticismo da profissão, mas também não havia ceticismo que sobrevivesse a um braço quebrado ou uma picada de escorpião.

O dentista da cidade, ah — coitado dele. Não que não soubesse como era ter um dente do siso arrancado. Mas como vai arrancar dente sentindo ao mesmo tempo a dor do dente arrancado? Parecia pouco prático.

Um dom, sim?

Uma punição?

Depois pensei: a culpa era minha? Se essa loucura havia começado com a brincadeira no fim da trilha e meu joelho ruim. Eu que era contadora e cuidava era dos números dos outros — finanças e impostos e essas coisas imaginárias. Se era só em nossa cidade, e mais nenhum lugar. Ou era Jorge que se contaminou e passou para mim e passei para todos os outros, e dali por diante etc. Mas aí não afetaria também os turistas, esses todos que passavam incólumes, intocados? Ou, ainda, que fosse porque os nativos não queriam saber das dores da cidade grande e se mantinham afastados dessa gente que foge do trabalho para se meter no meio do mato.

— Vamos voltar — eu disse.

— Como assim?

— A trilha, aquele domingo. Foi isso quando começou.

— Não entendo.

— Talvez seja isso, alguma coisa na trilha. Alguma planta, algum bicho que te picou. Não sei. Vamos procurar.

— Planta, Anita?

— Amanhã é sábado. Passo aqui antes das oito.

Jorge saiu de casa arrastado. Protestou porque você com essa dor nas costas não devia fazer trilha. Mas era essa dor comum de quem trabalha sentada na frente do computador — um exagero. A trilha cruzava um riacho e levava a um mirante, onde a gente havia montado o piquenique sob a sombra de uma árvore naquela última caminhada.

Seguimos em silêncio. Queria dizer que havia algo de estranho no percurso — um prenúncio de magia: luzes que dançam no ar. Não havia nada. Só a trilha de sempre, os calangos que fugiam ao perceber nossa aproximação, as borboletas, as formigas. Um calor pesado por causa da falta de chuva.

Paramos no riacho para tomar água e se esconder do sol.

— Será que é a água? — Jorge perguntou.

Havia tirado o boné e hesitava antes de metê-lo em um poço pequeno próximo ao ponto em que passava a trilha. A gente da cidade que sempre fala em água que cura, água que dá sorte ou azar. Houvesse verdade nas histórias dos velhos. Confesso que esperava algo mais óbvio: uma fonte mágica, brilhante. Fadas ou duendes. Ou: se podia acreditar que toda a população da cidade sentia as dores alheias quando se encostavam, por que não podia acreditar em fadas?

Pensar que vivia mesmo isolada do mundo e de tudo e todos. Não sentia demais o efeito daquele delírio coletivo, se é que podia chamar assim o que ninguém sabe explicar. Sentia, claro, uma dor de cabeça aqui e ali quando cumprimentava alguém na rua. Mas já na última semana ninguém se tocava muito na hora de se cumprimentar.

Era fácil estar sozinha preenchendo planilhas.

E Jorge que se escondia em casa e se dizia com febre e não quero atrapalhar ninguém com minhas dores melhor ficar em casa.

Mergulhou o boné no riacho e levantou-se em seguida, deixando que escorresse o excesso de água de volta à terra. Aproximei-me para fazer o mesmo e vesti o chapéu molhado para refrescar a cabeça.

— Não sei — eu disse. — Se a gente fizer exatamente o mesmo caminho...

— E se não foi a trilha?

— Que mais pode ter sido?

Ele olhou as próprias mãos. Deu de ombros. Talvez fosse o caso de ir atrás dos curandeiros da cidade, as velhinhas benzedeiras. Cidade pequena tem dessas. Mas também essa gente não costumava ser muito faladeira. Queimavam uns matos em volta da pessoa que ia pedir ajuda, resmungavam uma reza incompreensível. Jorge me encarou como se lesse meus pensamentos — e não era momento para duvidar que de fato pudesse. Depois pareceu que olhava através de mim ou ainda que não olhasse coisa nenhuma, perdido em si mesmo.

Subimos um pouco o riacho para encher as garrafas d'água. Jorge na frente — e súbito interrompeu o passo sem aviso. Ele conseguiu me segurar para que eu não escorregasse para cima dele até que o susto do toque o fez dar um pulo ao lado e cair de bunda na pedra lisa nas margens do riacho.

— Moço, não faz isso.

Mas machucar-se era também sua revolta contra a situação: a dor é minha e de mais ninguém. Ofereci a mão para ajudá-lo, mas ele só fez sacudir a cabeça, jogar mais água na cara e girar o punho devagar para medir o estrago. Quando levantou

outra vez a cabeça vi que estava sorrindo.

Sorria?

— Jorge?

Já os olhos perdidos adiante riacho acima. Não bastasse a cidade inteira com poderes mágicos, precisava um dos meus melhores amigos começar a enlouquecer, lentamente. E se ele fosse só o primeiro? Como antes, naquele domingo, e meu joelho ruim e meu comentário desnecessário sobre uma dor que devia ser só minha.

O sorriso que era talvez careta de dor. Resisti a um impulso — desde quando um impulso? — de tocá-lo no ombro para entender o que sentia. Mas percebi que algo se movia na direção em que Jorge olhava.

Algo ou;

alguém.

EPIDEMIA

PARTE 3

Eu podia dizer: que a gente entende de compaixão, empatia? Humanidades. Dizer que não sabemos nada das próprias palavras que inventamos. Ou que não basta transformar em palavras essas coisas abstratas que escapam às definições.

Era minha necessidade de explicar e fazer contas e chegar a um resultado e apresentar relatório. Fosse dom ou punição ou algo que precisamos aprender, por bem ou por mal.

Fosse algo que se pudesse explicar.

Uma epidemia.

Um surto empático.

Poderes mágicos.

Estava também enlouquecendo; eu?

Jorge me olhou. Soprava um vento morno de meio-dia e o sol ardia forte. Apesar do riacho e do chapéu molhado súbito minha cabeça estava seca.

Não estávamos mais no riacho.

Era o mirante, a vista para a cidade, a brisa preguiçosa em batalha contra o sol quente. Uma vaga lembrança de ter seguido trilha acima depois de.

— Quem era? — perguntei.

Jorge não sabia ou não entendeu a pergunta. Deu um passo atrás na direção da trilha antes de virar-se para tomar o caminho de volta. Fui com ele, embora a vontade era buscar a sombra de uma árvore e descansar. A boca seca e a camiseta grudando nas costas, no contato com a mochila.

— Não pode ser — ele murmurou.

— Quem era?

Foi o som de minha voz ou outra dessas visões inesperadas — Jorge tropeçou em uma raiz de árvore e foi ao chão com as palmas das mãos deslizando na terra áspera.

— Tudo bem?

Ele sentou-se na beira da trilha, conferindo os joelhos e as mãos e os cotovelos, limpando com o braço o sangue sujo de terra.

— O que você viu?

— Não sei.

— Eu também vi.

— Viu o quê, Anita?

— Não sei. Alguma coisa, alguém. Na margem do rio.

Jorge tinha os olhos fixos em mim, como quem tenta decifrar uma mensagem oculta por trás das palavras. Como se não soubesse se eu dizia a verdade ou. A situação toda muito além da nossa capacidade de compreensão. Quem estava louco?

— Era uma mulher — eu disse.

Era? A memória parecia se encolher. Restava a incerteza de quando a gente acorda depois de um sonho confuso e os acontecimentos se misturam nas transições improváveis de tempo e espaço. Pensei: um sonho, claro. Que é quando nos trasportamos de um lugar a outro, da noite ao dia ou de um vale a um mirante.

— Acho que o sol está quente demais — Jorge disse, e levantou-se. — A gente não deve ter tomado água suficiente.

— Que você quer fazer?

Porque eu mesma não saberia a resposta se ele me perguntasse. Que queria fazer? Voltar ao riacho, procurar a — mulher? Bruxa ou demônio ou aparição ou elemento da floresta: escolham suas crenças. Quanto mais me esforçava, mais tinha certeza de que era uma mulher, ainda que incapaz de formar uma imagem na cabeça. A certeza vinha de outro lugar.

— Você não acha estranho que a capacidade de sentir a dor do outro tenha feito com que a gente se afastasse ainda mais das pessoas?

Jorge estava mais são do que podia parecer. Estendeu-me a mão — a palma arranhada e vermelha. Mas eu estava pensando em seleção natural: Darwin e a evolução das espécies. No tipo de vantagem evolutiva que seria algo como essa comunicação empática. Que sabemos das outras espécies?

Segurei a mão de Jorge. Não demorou para que sentisse o ardor dos arranhões; em seguida o cotovelo um pouco dolorido, uma sede terrível.

— É como um encontro de realidades, não é? — eu disse, sem soltar sua mão. — Como se dois planos de existência fossem de repente sobrepostos.

— Você acha que a gente existe em planos paralelos?

— Eu acho que você precisa beber mais água.

Ele riu, e recolheu a mão para si. Buscou na mochila a garrafa de água, e surpreendeu-se quando a encontrou cheia. Minha garrafa também — e apesar do calor, a água estava fresca.

Preciso me desculpar: estive relendo minhas anotações e sei que o relato parece incompleto. Por um tempo construí teorias — mas era só isso: teorias. As lembranças se desfazem e a gente desconfia da própria mente. Meu objetivo não é fazer literatura — sou contadora; não saberia nem por onde começar. Resta esse apego aos fatos e à memória, e ofereço aos interessados essa narrativa insatisfatória. Que concluam, se lhes for conveniente, que estávamos loucos, todos nós.

A cidade inteira.

Da mesma maneira como começou, o surto de empatia terminou. Desapareceu, aos poucos. Duas semanas depois, o assunto principal na fila do mercado e no caminho da feira era o casamento de Antônia com Rubinho, e o aborrecimento da mãe da noiva por causa de uma rixa com a família do genro. Era mais uma vez a cidade e os turistas e as

fofocas e esse calor que não vai embora quando é que começa a chover.

Não sei; as pessoas se abraçavam tanto. Cada um com suas dores tão particulares tão individuais tão suas. Era mais fácil. Saber no outro um igual, sim claro como não — mas não o tempo todo, não na pele.

Era um exagero. Ninguém na cidade falava disso. Muito menos falavam em empatia e compaixão e humanidade compartilhada. Algumas tias às vezes ainda pegavam no nosso braço, como quem se agarra a uma esperança de reconheci-mento: dói, queriam dizer. Em silêncio.

Que nossa humanidade estivesse no que há de mais físico da existência: crescer dói, viver dói. Aprendemos? Temos medo da humanidade alheia; quão terrível pode ser viver com essa consciência — de que o outro existe, para além de nós.

Ou porque a gente esquece que somos corpo, que somos ossos e músculos e órgãos. Tão perdidos em nossas mentes e tão obcecados com explicações

coerentes. Toma essa, Descartes. Eis um mistério que jamais será solucionado — sim?

Foram algumas semanas para que a vida na cidade se normalizasse. Jorge voltou à rotina e eu o encontrava quando passava em frente a pousada e ele estava regando o jardim ou arrancando matinhos teimosos. Dizem que o dentista tirou férias e passou um mês na praia, voltou bronzeado e sorridente e retomou as atividades no consultório com a mesma disposição de antes.

Às vezes eu tenha a impressão de ver a mulher em alguma esquina, sentada no meio-fio, observando. Se tento me aproximar, percebo que não há ninguém ali. Antes pudesse dizer: ela desaparecia. Nem isso: era como se nunca houvesse estado. Como se existisse em outro plano da realidade, e um jogo de luzes ou o vento permitissem por um instante vislumbrar o que havia por trás de uma fissura no espaço-tempo.

Talvez o rebuliço não fosse tanto pelas dores de cabeça e picadas de abelha e esse mal-estar que acompanha as febres mais altas. Talvez o insuportável fosse um pouco esse desespero que a gente recebia junto com as dores — esse desespero sem nome que os poetas tentam descrever quando empilham palavras no papel.